



Um tribunal na sala de aula

Os vinte e oito alunos da turma G, a minha turma, estavam agitados. Compreensivelmente, pois íamos receber o último teste de Português. Queríamos conhecer o resultado com urgência, uma vez que, para alguns, a nota final do período dependia do resultado.

O professor chegou com ar de caso. Depois de dizer bom dia, abriu a porta da sala. Silencioso, como era costume.

Simplemente... sabíamos por experiência que aquele professor só começava a aula quando todos estivéssemos sossegados com o material em cima das mesas e a lição aberta no caderno diário. E se demorássemos muito a acalmar ou não trabalhássemos com atenção, ficaríamos com uns minutos a menos no intervalo «para compensar».

Aceitava algum barulho e alguma desordem apenas se fossem necessários, em trabalhos de grupos. Resumindo: um professor «chato». Contudo, nunca deixava dúvidas por esclarecer nem pormenores por explicar, cheio de paciência. Além disso, se nos encontrava no supermercado, cumprimentava com afabilidade, parava a conversar para se inteirar dos nossos *hobbies*.

Não conseguíamos perceber a sua personalidade com duas faces tão distintas: rigorosíssimo nas aulas, simpaticíssimo cá fora. O melhor era aceitá-lo assim mesmo.

Maria Alice N. Sarabando *et al*, Um tribunal na sala de aula *in Contos de um mundo com esperança*, Texto, 2.ª edição, 2009.



O canário

Lindo canário amarelo	Mandei-o dar de presente,	Vinham fidalgos de longe
Cacei junto da ribeira,	Pelo Natal, à rainha,	Com suas damas de honor
Meti-o numa gaiola	Que logo pôs o canário	Só para ouvirem trinar
Da mais bonita madeira.	Na melhor sala que tinha.	O passarinho cantor.

Luísa Ducla Soares, O Canário *in Contos para rir*, Civilização, 1.ª edição,

